

Sobre o modo infinito mediato no atributo pensamento

*Do problema (Carta 64) a uma solução (E5P36)**

Jean Marie Beyssade

Gostaria de reexaminar o problema clássico: qual é, no atributo pensamento, o modo infinito mediato? Na carta 63, Schuller havia pedido exemplos daquilo que é produzido imediatamente por Deus e daquilo que é produzido pelo intermédio de uma modificação infinita: Ele próprio sugeria quatro exemplos manifestamente inadequados, visto que ele tomava dois atributos (pensamento e extensão) como modos infinitos imediatos, e dois modos infinitos imediatos (intelecto e movimento) como modos infinitos mediatos. Em sua resposta, a carta 64, Espinosa forneceu apenas três exemplos. Afastando os dois atributos, que nada têm a fazer aqui, ele recolocou em seus lugares de modos infinitos imediatos “o entendimento absolutamente infinito” e “o movimento e o repouso”. Mas, como modo infinito mediato, citou apenas a *facies totius universi* (a face do universo total), com referência ao escólio do lema 7 da *Ética*, 2ª parte, que trata de física, “a natureza inteira concebida como um único indivíduo cujas partes, isto é, todos os corpos, variam em uma infinidade de maneiras sem qualquer mudança do indivíduo total”. Assim, se nos ativermos à carta 64 e à passagem da *Ética* à qual ela reenvia, “uma casa permanece vazia”.

Eu parto de algumas linhas de M. Gueroult. “Mas em que consiste no Pensamento o modo infinito mediato? Nada na *Ética* nos informa a esse respeito e é preciso decidir-se a interpretar” (Spinoza, I, capítulo XI, §VII, p. 315). Eu não mudo nada na questão inicial: “Em que consiste, no Pensamento, o modo infinito mediato?”. E eu distingo na resposta dois tempos: (1) a afirmação de uma ausência, “nada na *Ética* nos informa a esse respeito”; eu chamo, por convenção, *membro* ausente o que M. Gueroult afirma não encontrar na *Ética*; (2) a elaboração de um substituto, “é necessário decidir-se a interpretar”; eu chamo, por convenção, *prótese*, aquilo que M. Gueroult chama de interpretação, a peça que ele fabrica, a saber: “o universo de ideias existentes que o atributo produz absolutamente por intermédio das essências geradoras de suas existências, esse universo das existências ou causas psíquicas”, p. 318. Eu não

* Artigo originalmente publicado na *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, v. 184, n. 1, p. 23–26. Agradecemos a gentileza dos editores, que nos autorizaram realizar a tradução do artigo e publicá-la nesta revista.

discuto a prótese proposta, mas levanto a questão preliminar, cuja legitimidade é reconhecida pelo próprio M. Gueroult: como decidir se, sim ou não, a *Ética* nos informa quanto ao modo infinito mediato do pensamento? Pois, antes de fabricar uma prótese, é preciso estar seguro de que a casa está realmente vazia, que a *Ética* não fornece o membro requerido.

Eu penso que poderíamos colocarmo-nos de acordo sobre o procedimento a seguir para identificar na *Ética*, caso nela se encontre, o modo infinito mediato do pensamento: eu vou inicialmente tentar elucidar esse procedimento (I) que eu suponho que o próprio M. Gueroult teria admitido. Mas me separarei em seguida de M. Gueroult (II), pois penso que esse procedimento permite encontrar em *Ética* V, 36 e seu corolário, o membro buscado. Uma vez que o amor infinito que Deus possui para consigo mesmo preenche todas as condições requeridas, a fabricação de uma prótese parece-me supérflua, sejam quais forem os méritos da prótese elaborada por M. Gueroult.

I

A entidade procurada, quer a encontremos na *Ética* como um membro dado do sistema, quer tenhamos que fabricá-la como a prótese gueroultiana, deve preencher quatro condições:

1/ Deve tratar-se de um modo determinado do atributo pensamento (*Ética* I, 31 e demonstração, *certus modus cogitandi*) distinto do pensamento absoluto, *absoluta cogitatio* (que é o atributo), mas decorrendo desse gênero de ser “como o intelecto, a vontade, o desejo, o amor, etc”. Nada, em *Ética* I, sugere uma hierarquia entre esses modos.

2/ O modo mediato deve derivar de maneira não reversível do modo imediato. Eu faço operar aqui um princípio de univocidade ou de homogeneidade no interior da natureza naturada: a mesma relação entre modos mediatos e modos imediatos existe entre os modos finitos (da *res cogitans* singular, a alma humana) e os modos infinitos (de Deus, *res cogitans*). É por isso que o axioma 3 da segunda parte parece-me valer para os dois níveis. Ele subordina expressamente à ideia todos os afetos como amor, desejo, etc. Vindo de Descartes (MM, III, AT, VII, 37 1, 3-12.IX-29) e do *Breve Tratado* (Apêndice Final, II, de *A Alma Humana*, §5), este axioma estabelece o que é a relação entre um modo mediato e um modo imediato (não importando que sejam finitos ou infinitos). E ele convida a colocar o amor como o primeiro dos modos mediatos do atributo do pensamento.

3/ É preciso que o modo mediato seja suficientemente diferente do modo imediato para ser um outro modo que este (*qui ab aliis differt*, *Ética* I, 31 demonstração). Uma simples distinção de razão (*Ética* II, 21 e escólio, *Ética* IV, 8 demonstração, *Ética* V, 3 demonstração) não é suficiente, porque se trataria então de uma só e mesma coisa encarada de dois pontos de vista diferentes. É preciso uma diferença modal que se dê entre dois modos distintos. É por isso que a vontade (inclusive a vontade infinita de Deus nomeada em *Ética* I, 17 escólio, 32 demonstração, 33 escólio 2), se a reduzirmos a seu aspecto de afirmação ou de negação em um julgamento, não é suficientemente diferente da ideia ou intelecto para ser um modo mediato: os dois são “uma só e mesma coisa” (*Ética* II, 49 e corolário). Se mantivermos a palavra vontade, é preciso tomá-la em um segundo sentido, que remete ao desejo (*Ética* II, 48 escólio) e ao *affectus* em geral (objeto de *Ética* III e nomeado pela primeira vez no axioma 3 de *Ética* II).

4/ Enfim, o modo infinito mediato deveria compreender em si, a título de partes, os modos finitos mediatos homônimos, exatamente como o modo infinito imediato (a saber, o intelecto absolutamente infinito ou, o que é a mesma coisa, a ideia que Deus tem de si mesmo, *Ética* II proposições 3 e 4) contém em si, a título de partes, as almas humanas (*Ética*

II, 11 corolário) ou os intelectos humanos (*Ética* V 40 escólio). Talvez tenha sido por isso que M. Gueroult fixou sua prótese (“o universo das ideias existentes ou causas psíquicas”) sobre o que lhe parecia restar de um membro amputado no sistema espinosano (“a vontade infinita”) adicionando-lhe uma determinação de sua própria lavra (“compreendendo a infinidade das vontades finitas” p. 318 e nota 21).

Uma vez que o próprio Espinosa não indicou qual é o modo infinito mediato do pensamento, parece-nos que essas quatro condições são necessárias e suficientes para identificá-lo sem erro. E é por não haver encontrado na *Ética* uma entidade que as satisfizesse (“nada na *Ética* nos informa a esse respeito”) que M. Gueroult se decidiu a “interpretar” (a forjar sua prótese).

II

A meu ver, a proposição 36 de *Ética* V permite retroceder do sentido forte (fabricar uma prótese) ao sentido fraco (encontrar no texto uma resposta para a questão que nós lhe colocamos) do verbo *interpretar*. Pois “o amor infinito com o qual Deus ama a si mesmo”, tendo expressamente como “parte” o “amor intelectual da alma para com Deus”, preenche as quatro condições requeridas e fornece o modo infinito mediato do pensamento, ausente na carta 64.

1/ Espinosa, reconduzindo, na segunda metade de *Ética* V (proposições 21 a 40), a alma do Sábio à sua união singular com Deus (*Ética* V, 36 escólio no fim = *Breve Tratado*, Segundo Diálogo entre Erasmo e Teófilo, §13), reencontra, para leva-la a seu termo, a doutrina dos modos infinitos do pensamento, tanto imediato (*Ética* V, 40 escólio) quanto mediato (*Ética* V, 36 e corolário).

2/ Ele reencontra o *Breve Tratado* que, na parte I, capítulo 9, §3, adicionava ao entender eterno e infinito um efeito afetivo que nasce dele (*Genoegen*). Mas ele o completa, saindo das aporias da parte II, capítulo 24, § 2 e 3, onde, mal tendo sido formulado o princípio de univocidade, Espinosa recusa-se a aplicá-lo ao amor (humano, divino) e se limita à não-reciprocidade (conservada em *Ética* V, 17 e corolário) sem conseguir pensar o amor intelectual do homem como parte do amor infinito de Deus (*Ética* V, 36 última frase e corolário).

3/ Se M. Gueroult não encontrou na *Ética* o membro procurado e precisou forjar uma prótese, isso se deve a duas causas: uma interna (a recusa de ir buscar mais longe aquilo que esclarece retrospectivamente um termo anterior, aqui a recusa de deixar a “vontade infinita” de *Ética* I tornar-se afetiva em *Ética* II, 48 e completar-se em *Ética* V com o amor), e uma externa (a morte interrompeu seu comentário bem antes de *Ética* V, 36, onde ele teria talvez reconhecido aquilo que havia procurado em vão ao comentar *Ética* I, 21 a 23).

4/ Por que Espinosa não deu ele mesmo a Schuller, na carta 64, a resposta, o quarto exemplo que *Ética* V, 36 fornece, a saber, o amor infinito de Deus? Podemos supor que, tendo acabado a *Ética*, ele já a possuía, mas, por prudência, preferiu silenciá-la. Podemos supor também que ele ainda não a havia dado explicitamente para si mesmo, e que a troca de cartas 63 e 64 o conduziu a completar o fim de *Ética* V, 36 formulando a relação da parte ao todo entre os dois amores (do homem, de Deus). Mas, aqui, trata-se de hipóteses históricas ou genéticas que, para mim, permanecem inverificáveis (outros talvez terão elementos de resposta). Quanto à questão inicial: “qual é o modo infinito mediato do atributo pensamento?” a resposta: “é o amor infinito que Deus tem a si mesmo” não me parece uma hipótese,

e menos ainda uma hipótese verificável (F. Alquié, p. 156, n.2), mas uma interpretação imposta por *Ética V*, 36 e corolário.

Tradução de Cristiano Novaes de Rezende
UFG

Revisão de Marcos André Gleizer
UERJ/CNPq

Referências bibliográfica

GUEROULT, M. *Spinoza II: L'âme*, Paris, Aubier-montaigne, 1974.

SPINOZA, B. *Opera*, Im Auftrag Der Heidelberger Akademie Der Wissenschaften Herausgegeben Von Carl Gebhardt, 4 Vol., Carl Winter, Heidelberg, 1925.

RESUMO

O artigo procura reexaminar o seguinte problema clássico: qual é, no atributo pensamento, o modo infinito mediato? Contrariamente à posição de Gueroult segundo a qual “nada na *Ética* nos informa a esse respeito e é preciso decidir-se a interpretar”, o artigo procura mostrar que é possível encontrar em *Ética V*, 36 e seu corolário, ou seja, no amor infinito que Deus possui para consigo mesmo, a resposta buscada. Uma vez que este amor preenche todas as condições requeridas para ocupar o lugar deste suposto “membro ausente”, não é necessário formular uma hipótese interpretativa forte, isto é, “fabricar uma prótese” para substituí-lo.

Palavras-chave: Espinosa; modo infinito mediato; distinção modal; amor intelectual de Deus.

ABSTRACT

The article seeks to re-examine the following classic problem: what is, in the attribute of thought, the mediate infinite mode? Contrary to Gueroult's position that “nothing in the *Ethics* informs us in this regard and so it is necessary to interpret”, the article seeks to show that it is possible to find in *Ethics V*, 36 and its corollary, that is, in the infinite love that God has for himself, the answer for the problem posed. Since this love fulfills all the conditions required to occupy the place of this supposed “absent member”, it is not necessary to formulate a strong interpretative hypothesis, that is, to “fabricate a prosthesis” to replace it.

Keywords: Spinoza; mediate infinite mode; modal distinction; intellectual love of God.